

HISTÓRIA DE VIDA DE PESSOAS DEFICIENTES FÍSICOS QUE PARTICIPAM NOS PROJETOS DE BASQUETE SOBRE RODAS E ATLETISMO ADAPTADO

LIFE HISTORY OF PHYSICALLY DISABLED PEOPLE WHO PARTICIPATE IN WHEEL BASKET AND ADAPTED ATHLETICS PROJECTS

Paulo Roberto Brancatti

Camila Casemiro Rosa

Beatriz Parola Veiga Duarte

Raul Antônio Fragoso Neto

Universidade Estadual Paulista – FCT/UNESP, Campus de Presidente Prudente -SP

Resumo

Este artigo é resultado duma pesquisa realizada com quatro atletas com deficiência física, participantes dos Projetos de Atletismo e Basquete sobre rodas da UNESP/ADAPP de Presidente Prudente. Teve como objetivo ouvir essas pessoas que atuam nos referidos projetos há mais de dez anos e, além disso, saber deles como o esporte interferiu em suas vidas em relação à família, trabalho, estudos e vida social. Para isso, utilizamos a Metodologia de História de Vida (MHV) e relatos orais, permitindo aos pesquisadores fidelidades ao discurso dos pesquisados a fim de se compreender o papel do esporte no processo de formação da pessoa como atleta paralímpico. Utilizaram-se questões abertas para que os entrevistados falassem com mais naturalidade sobre sua vivência nos projetos. A partir do relato dos quatro entrevistados, percebeu-se que o esporte era uma prática cotidiana deles antes de sofrerem o acidente e que o mesmo passou a ser mais significativo quando se integraram num dos projetos em questão. A partir desse momento, a vida deles se transformou, pois, para uma pessoa com deficiência que se envolve com o esporte, ao que tudo indica, passam a ter mais garra e determinação para vencer na vida e lutar por novas conquistas.

Palavras-chave: Esporte Adaptado. Basquetebol sobre Rodas. Deficiência. Relato Oral.

Abstract

This article is the result of a research carried out on four athletes with physical disabilities, participants in the Athletics and Basketball Projects on wheels of UNESP / ADAPP of Presidente Prudente, whose objective was to listen to those people who have been involved in these projects for more than ten years, in addition, learn from them how the sport has interfered in their lives in relation to family, work, studies and social life. For that, we used the Life History (MHV) and oral reports Methodology, allowing the researcher to be faithful to the discourse of the respondents in order to understand the role of the sport in the process of training the person as a paralympic athlete. Open questions were used so that the interviewees spoke more naturally about their experience in the projects. From the report of the four interviewees, it is noticed that the sport was a daily practice of them before they suffered the accident and that the same happened to be more frequent when they were integrated in one of the projects in question. From that moment on, their lives became, therefore, for a disabled person who gets involved with the sport, it seems to have more strength and determination to win in life and fight for new achievements.

Keywords: Adapted Sport. Basketball On Wheels. Experiences. Disability. Oral Report.

1 Introdução

O envolvimento dos autores deste trabalho com a população deficiente começou em 1999, quando sentimos a necessidade de suprir a ausência dum projeto na Cidade de Presidente Prudente dedicado ao atendimento esportivo dessas pessoas, no tocante à sua deficiência física. Por se tratar dum tema relevante, propôs-se a implantação dum Projeto de Extensão que atendesse essa população, ampliando a possibilidade de ação dos mesmos.

A partir dessa proposta, o Projeto foi implantado junto à Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP, Campus de Presidente Prudente, com a intenção de aglutinar pessoas com deficiência para que obtivessem melhores desempenhos físicos e qualidade de vida por meio da prática desportiva e, nesse caso, priorizou-se a modalidade de basquetebol sobre rodas. E por que o basquete sobre rodas?

Na verdade, é porque o basquete sobre rodas historicamente foi o primeiro esporte coletivo sugerido e sedimentado na população deficiente que retornava aos países de origem após a Segunda Guerra Mundial com severo grau de comprometimento motor e físico e precisava se ocupar com algo que lhe fosse atraente. Dessa maneira, através do projeto criado no Hospital de Stoke Mandeville, na Inglaterra, no qual o governo britânico sugeriu esse esporte em 1944, para o processo de reabilitação dos feridos em guerra Adams (1985) e Araújo (2013).

Assim, a partir desse recorte histórico é que o esporte adaptado começou a escrever sua trajetória de vida pelo mundo, já que do mesmo se tem notícias desde o início do século XX em algumas modalidades desportivas, principalmente com a população deficiente auditiva.

O basquete sobre rodas chegou ao Brasil na década de 1950, com a fundação do Clube dos paraplégicos de São Paulo, que procurou dar ênfase a várias modalidades desportivas adaptadas e, a partir da sua fundação, outras entidades de caráter desportivo surgiram em várias cidades do país (FEDERAÇÃO..., 2016).

Nesse sentido e seguindo o mesmo raciocínio, pensou-se que, através da Universidade como campo do conhecimento, extensão e pesquisa, se pudesse abraçar a ideia e dar suporte a um projeto dessa natureza que suprisse as necessidades de atendimento das pessoas deficientes na área do esporte.

Inicialmente, o projeto atendia seis pessoas com deficiência física, todas cadeirantes, vítimas de acidentes de trânsito. A partir da divulgação das atividades ocorridas na FCT/UNESP de Presidente Prudente pela imprensa local, outras pessoas acabaram se juntando ao projeto. Atualmente, o grupo, embora pequeno, conta com doze pessoas com várias características de deficiência física.

Por isso, justifica-se um estudo mais aprofundado com essa parcela da população deficiente, o que requer certo compromisso e despojamento dos pesquisadores em relação ao que o mesmo se propôs realizar. Nosso objetivo foi verificar como essa prática desportiva, beneficiaram tais pessoas no seu cotidiano social, familiar e cultural, visando-se a melhoria da sua qualidade de vida.

Entendeu-se também que, no cotidiano das lições que se aprenderam com esses sujeitos, alguns fatos históricos descritos mais adiante não foram descartados, pois através deles os pesquisadores podem interagir dialogicamente com os mesmos, e assim contribuiu para romper velhos paradigmas socialmente construídos e encaminha-los profundamente para o viver com mais dignidade e, portanto com mais qualidade de vida dessas pessoas.

Nesse contexto, pretendeu-se, portanto, através desta pesquisa qualitativa, dar voz às essas pessoas deficientes, ouvir e entender suas representações e releituras dos acontecimentos sociais, dos seus conceitos de corpo, de família e sociedade; e, ainda, buscou-se verificar como percebem sua existência individual num processo coletivo em relação às modalidades desportivas e, enfim, conhecer sua história de vida (HV), para além do seu corpo considerado deficiente, além de encaminha-los para uma prática reflexiva sobre sua objetividade e subjetividade.

2 O interesse pelo Método de História de Vida (MHV)

O MHV (ou de relatos orais) oferece o suporte metodológico para os estudos da memória e das narrativas orais de histórias, lembranças e reconfiguração de acontecimentos das trajetórias de vida e da história reelaborada para novos conhecimentos.

Partindo-se dessa ideia, buscou-se entender alguns pontos sobre essa metodologia, como: o que é a abordagem da HV? Como ela se processa no meio acadêmico e quais são as suas fontes de trabalho? E como são feitas as análises dos depoimentos para entendimento da aplicação do método?

Há vários meios de se conhecer uma realidade, como o informal, ou seja, com intuito de uma investigação científica. Um dos métodos mais simples e eficazes é ouvir o que as pessoas vivenciam ou vivenciaram na sua condição e o que se tem a dizer sobre ela.

Nesse raciocínio, Glat (2004) esclarece:

Esse tipo de abordagem propicia uma aproximação maior com o sujeito ou grupo analisado, já que privilegia as apreciações das experiências de interesse interpretadas pelos próprios participantes (GLAT, p.236).

O MHV é uma das modalidades de estudo de abordagem qualitativa e distingue-se de outras formas de investigação que envolve os depoimentos dos sujeitos entrevistado. Por meio de questionários ou entrevistas, o pesquisador é guiado pela ação de ouvir o sujeito e dar voz a ele para que possa situar-se em relação ao problema apresentado e demonstrar possíveis soluções quando exposto aos conceitos e ideias do método proposto. Dessa maneira, a HV trabalha com histórias ou relatos orais e narrativas, demonstrando assim, uma história contada por quem a vivenciou.

A história de vida, ou dos depoimentos orais como recursos metodológicos de pesquisa, se ocupa em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade, recuperando experiências de vida obtidas através de conversas com pessoas por meio de entrevistas que, ao focalizarem lembranças de um funcionamento e das várias etapas da trajetória de um grupo social, de um sujeito da pesquisa, ponderando esses fatos pela sua importância em suas vidas (CORRÊA; GUIRAUD, 2009, p.680).

Assim, é um método de estudo e pesquisa que surgiu na área das Ciências Sociais que estabelece os limites e diferenças entre história oral, a HV, o depoimento pessoal e a entrevista, postulando que essas várias técnicas podem ser utilizadas em abordagens de caráter bibliográfico, como autobiografia, coleta de dados e fonte de referência ou pesquisa (SINSON, 1988).

Desde o início da coleta do material, quem comanda todo o trabalho é o próprio pesquisador, ou equipe, que fará, de acordo com suas preocupações, todo levantamento possível sobre a temática proposta no estudo, destacando aquelas que serão relevantes para seu trabalho e desprezando as que não são importantes na coleta de informações.

Na área da Educação Especial, há poucos trabalhos desta natureza explicitando a questão da HV das pessoas deficientes. Um estudo pioneiro no uso do MHV nessa área foi a tese de doutorado de Glat (1989) que entrevistou mulheres diagnosticadas como deficiência mental.

Nosso propósito foi de pesquisar junto a esse grupo de pessoas com deficiência física, sujeitos com os quais os autores deste trabalho convivem, trabalham, pesquisam e têm fortes envolvimento profissionais e afetivos. É comum, em viagens para participar de eventos esportivos, o grupo ficar em alojamentos coletivos. Tal convivência facilitou e proporcionou a percepção e o registro de muitos elementos para esta pesquisa; tal fato não foi e nem deveria ser descartado. Esse universo de pesquisa tem de ser aproveitado, pois está se falando de um grupo heterogêneo, onde cada um tem suas particularidades e necessidades pela riqueza incalculável de fatores vivenciados na prática cotidiana.

O ponto de partida para este estudo centrou-se na prática desportiva, pois o grupo surgiu da proposta de reunir pessoas deficientes para jogar basquete e vivenciar esta prática como um momento privilegiado de descontração, lazer e recreação. Entretanto, no decorrer do processo, o grupo cresceu (mais de trinta pessoas passaram pelo projeto) e outras questões emergiram, levantando a necessidade de investigações mais profundas

de fatores comportamentais, tanto individuais como coletivos, como: preconceitos, estigmas, medos, vergonhas, inseguranças e receios. Como uma cadeia, outros elos foram se formando e novas questões aparecendo: o da valorização pessoal e da melhoria da autoestima e da afetividade. E também, a melhoria dos tônus musculares, do equilíbrio, da percepção de espaço tempo, dentre outros resultados, como as retomadas dos estudos, a busca por empregos, resgates nas relações afetivas e convivências sociais restabelecidas.

Diante desse quadro, é que os pesquisadores dessa investigação sentiram-se estimulados a realizar a mesma utilizando-se do MHV e relatos orais, valorizando-se do cotidiano destas pessoas, extraindo de seus discursos fatores positivos que podem ser aproveitados, pontos negativos que podem ser resolvidos ou, no mínimo, minimizados, elementos esses que poderão contribuir cientificamente no processo de atendimento educacional, cultural e de lazer. Acredita-se que, avançando os conhecimentos até então obtidos, este trabalho poderá ser ampliado e aperfeiçoado, favorecendo outros tantos que ainda poderão juntar-se ao grupo.

A HV é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação. Pode ser coletada por meio de entrevistas, de registrar as experiências de um só ou diversos indivíduos de um mesmo grupo. Na verdade, tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém ou de um grupo, seja a história oral, mística ou religiosa. E, para que não se perca faz-se necessário o registro. (QUEIROZ, p. 19, 1988).

Todo indivíduo tem uma HV e ela se revela de diversas formas: ações, pensamentos, memórias e experiências. Nenhum indivíduo está isolado em sua cotidianidade, mas inserido, nela realiza ações que diferem em suas características, exigindo que o pesquisador distinga suas peculiaridades e especificidades dos sujeitos participantes da pesquisa.

A HV se define também como o relato de um narrador sobre sua existência através dos tempos, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu, revelando em seus depoimentos os pontos que considera significativos, como membro de um determinado grupo, profissão, camada social e sociedade global, cabe ao pesquisador evidenciá-las (QUEIROZ, 1988).

No caso das pessoas com deficiência que participaram do Projeto de atividade motora adaptada na FCT/UNESP de Presidente Prudente, o tipo de pesquisa realizada exigiu a verificação de dois pontos: a HV de cada sujeito e a coleta de dados, através de depoimentos que visem entender quais interesses, necessidades, motivações e oportunidades que o mesmo tinha ao participar de uma atividade motora adaptada. Um dos objetivos dos pesquisadores foi desvendar a vida particular daqueles que foram investigados, explicitando comportamentos, atitudes, posturas (políticas, culturais

e religiosas), a fim de resgatar, dos dados coletados, os elementos que possibilitem conhecer melhor a realidade dos entrevistados e entender como e, o quanto a atividade física e o envolvimento no grupo contribuíram para o seu desenvolvimento pessoal.

Como a HV é uma técnica que demanda longo tempo entre participante e pesquisador, lembremos, que o contato com a população deficiente existe desde 1999, quando foi montada a primeira equipe, ou seja, o grupo a ser pesquisado. Este tem uma HV de longa data, composto por homens, mulheres, indivíduos de idades diferentes, possibilitando variações riquíssimas de relatos. O trabalho em questão não se resume em saber da importância social do esporte na vida de tais sujeitos, mas, também para entender o esporte como ponto de partida para mudanças ou permanências de atitudes, conceitos, comportamentos, procedimentos, valores, motivações, oportunidades, entre outras.

Em suma, por meio da HV pôde-se extrair dos pesquisados elementos que explicitaram seu cotidiano, tipo de relacionamento interpessoal, opiniões, valores e, assim, através dos dados coletados foi possível construir o diagnóstico, e a tabulação das estatísticas, cremos que a amostragem que deu credibilidade a este trabalho.

3 O esporte adaptado para pessoas com deficiência

A execução de atividade física e/ou desportiva por pessoas com algum tipo de deficiência, seja visual, auditiva, intelectual, física ou com sequelas mais críticas, pode proporcionar, dentre todos os benefícios mundialmente conhecidos através de uma prática regular, a oportunidade de testar seus limites e potencialidades, prevenir enfermidades secundárias à sua deficiência e promover a integração social do indivíduo. As atividades físicas, esportivas ou de lazer propostas às pessoas com deficiências físicas, como os portadores de sequelas de poliomielite, lesados medulares, paralisados cerebrais, amputados, entre outras, possui valores terapêuticos que evidenciam benefícios tanto na esfera psíquica quanto na questão física. Constatou-se ganho de agilidade no manejo da cadeira de rodas, de equilíbrio dinâmico ou estático, de força muscular, de coordenação motora, dissociação de cinturas e de resistência física.

As pessoas com deficiência representam quase um quarto da população brasileira, mas, apesar desse expressivo número, ainda são consideradas como minoria e, em especial, aquelas que possuem uma deficiência mais severa. Os paratletas são vencedores, porque superaram e continuam superando as barreiras impostas pelas deficiências.

Pôde-se perceber, nas últimas décadas, um significativo processo de mudança nas formas de interação entre as pessoas com deficiência (PCD) e a sociedade brasileira. Modificações pelas quais passam pela processual e inacabada transformação da visão sobre as PCD, com o progressivo abandono de um paradigma médico, no qual a PCD é tratada como um paciente, incapaz de exercer uma vida plena com autonomia, ou

social, no qual a PCD é tida como um sujeito com potencialidades, as quais podem e devem ser valorizadas no sentido de proporcionar uma participação plena e autônoma na sociedade.

No final do século XX e início do XXI, entra em cena o conceito de inclusão, baseado no modelo social de deficiência e em princípios de aceitação e valorização de diferenças e potencialidades dos cidadãos, sejam PCD ou não. No movimento de inclusão, a sociedade se adapta em diferentes frentes (educação, mobilidade, trabalho, lazer, esporte, entre outras), isto proporciona ao PCD a oportunidade de se desenvolver como ser que age, produz, questiona, se diverte e ama (SILVA, 2008).

O esporte adaptado para PCD consiste em formas de manifestação esportivas pautadas em transformações de regras, estrutura ou materiais, de modo a possibilitar maiores e/ou melhores oportunidades de participação a este público. Assim como outras modalidades esportivas convencionais, o esporte adaptado para PCD pode abarcar desde o sentido de alto rendimento e busca pela vitória em competições, assim como o sentido de ressignificado, ligada à busca pelo prazer, autoconhecimento e reabilitação.

Dentro do espectro do esporte adaptado para PCD, pode-se apontar desde práticas motivadas em modalidades do esporte convencional, a exemplo, do basquetebol em cadeira de rodas (uma adaptação do basquetebol), bem como modalidades criadas de acordo com algumas condições específicas para PCD, como o goalball, para pessoas com deficiência visual.

A verdadeira inclusão social através do esporte passa pela adequação de práticas e percepção de modo a oportunizar vivências produtivas às pessoas, independentemente de serem altas, baixas, gordas, magras, brancas, negras, videntes ou não, ouvintes, com duas, uma ou nenhuma perna (cadeirantes) e, com maior ou menor aptidão esportiva. Principalmente, a inclusão social através do esporte se dá pela mudança do paradigma social sobre deficiência, ou seja, a percepção por parte da sociedade de que um atleta merece ser valorizado como tal, independentemente de competir nos Jogos Paralímpicos ou Olímpicos, bem como empresários, engenheiros, médicos, professores devem ser valorizados por suas potencialidades e pela contribuição que oferecem à sociedade, sendo ou não PCD.

Os esportes paralímpicos, para efeito de organização dos eventos para pessoas com deficiência, criaram a classificação funcional das modalidades esportivas. Os atletas paralímpicos possuem uma deficiência em estruturas e funções corporais que levam a uma desvantagem competitiva no esporte. Consequentemente, são utilizados critérios que garantem que a vitória seja determinada pela habilidade, aptidão, poder, resistência, capacidade técnica e foco, os mesmos fatores que garantem o sucesso de atletas fisicamente aptos (BRANCATTI, 2014).

Atualmente, essa classificação é um dos elementos mais importantes na prática do esporte adaptado, pois é responsável pela igualdade e inclusão de diferentes níveis de deficiências dentro da competição, mas que até o momento continuam em constante evolução busca-se aprimorar seus métodos a fim de proporcionar a participação e a valorização do atleta com deficiência. Dessa forma, garantindo que o nível de treinamento e a habilidade de cada um sejam fator decisivo para o sucesso durante as competições.

No Movimento Paralímpico, existem atletas pertencentes a seis categorias: amputados, portadores de paralisia cerebral, deficiência visual, lesão medular, deficiência intelectual e “les autres”, que reúne todos os esportistas que não se enquadram em outros grupos de deficiência.

O enquadramento em uma categoria passa por avaliações técnicas e físicas, além de períodos de observação, dentro e fora de competições. As classificações são definidas de acordo com cada esporte, tendo em vista suas regras de classificação junto à respectiva Federação Internacional. A classificação funcional é passível de mudança, uma vez que os atletas podem ser realocados durante a carreira (MELLO; WINCKLER, 2012).

4 O esporte adaptado em Presidente Prudente

Em 1999, na Universidade Estadual Paulista - FCT/UNESP, Campus de Presidente Prudente, iniciou-se o Projeto “Atividade Motora Adaptada” com a intenção de oferecer às pessoas deficientes uma prática desportiva a fim de melhorar e desenvolver seus aspectos motores, físicos, afetivos e sociais. Essas pessoas participantes eram vítimas de acidentes de trânsito que sofreram sequelas medulares, algumas completas e outras incompletas. Havia ainda algumas pessoas que sofreram amputação em um dos membros inferiores e utilizavam próteses para auxiliar na sua locomoção diária, bem como outras com características morfológicas diferentes de origem genética, comprometendo parte dos membros inferiores (BRANCATTI, 1999).

O projeto iniciou-se com seis deficientes físicos, todos cadeirantes. Naquela época, os encontros aconteciam no Ginásio de Esportes da FCT/UNESP e, desde o início, o mesmo contou com a participação de estudantes dos Cursos de Educação Física e Fisioterapia mais o apoio institucional da Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex), subsidiando as ações do projeto e concedendo bolsas de apoio acadêmico aos estudantes, recursos para aquisição de materiais esportivos e eventualmente, apoio logístico para realização de eventos acadêmicos na área da Educação Física Adaptada (BRANCATTI, 2013).

Em 2005, surgiu o projeto do atletismo para pessoas com deficiências e, em 2012, a natação em parceria com a Secretaria Municipal de Esportes de Presidente Prudente.

Mais recentemente, foi proposta a modalidade bocha adaptada específica para pessoas com deficiências mais críticas, como a paralisia cerebral, hemiplegia e tetraplegia.

Atletismo: Gerenciado pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC), possui diversas categorias. Para as provas de campo, como arremesso, lançamentos e saltos, são aceitos os deficientes visuais, deficientes mentais, paralisados cerebrais, portadores de nanismo, cadeirantes, amputados e ainda aqueles que se enquadram no grupo “les autres”. Já nas provas de pista (corridas), dentre os já citados, apenas os portadores de nanismo não podiam participar, pois, devido à sua estatura, participariam somente da prova de arremesso de peso.

Basquete em cadeira de rodas: Regulado pela Federação Internacional de Basquete em Cadeira de Rodas (IWBF), é designado para atletas que possuem deficiências físicas que impedem correr e pular. Os atletas recebem pontuação para suas classificações. As notas vão de 1 a 4, com classes decimais intermediárias para casos excepcionais que não se enquadram exatamente em uma categoria. Existe ainda a categoria 4,5 para jogadores com lesões mínimas – sendo que as equipes não podem jogar somando mais de 14 pontos.

Natação: A natação para pessoas com deficiências é oferecida para os três grupos que agregam a competição paralímpica (física, visual e intelectual). A maior diferença em relação às outras modalidades é o fato do atleta da natação utilizar seu próprio corpo para participar das provas programadas e competir sem utilização de nenhuma prótese, órtese, cadeira ou outro equipamento qualquer para executar o percurso das provas (é controlada pelo IPC e pelo Comitê Paralímpico Brasileiro - CPB).

Bocha: o jogo de bocha é uma atividade que pode ser praticada por pessoas de todas as idades e de diferentes tipos de deficiências. A modalidade pode ser oferecida de forma recreativa, competitiva ou como atividade de Educação Física em programas escolares. Pode ser jogada em duplas ou individualmente e permite jogar sentado na sua própria cadeira, utilizando bastão para auxílio e as mãos para quem tem condições de utilizá-las (MELLO; WINCKLER, 2012).

5 Objetivo e hipóteses

A pesquisa ora apresentada teve dois objetivos: o primeiro, verificar como o grupo evoluiu durante este período de dezessete anos de convivência em relação às variantes concebidas, como família, escola, trabalho, vida social e afetiva, cultural e de lazer. E, o segundo, verificar através dos relatos se o envolvimento com o esporte em questão foi ou está sendo motivo de mudanças em suas vidas e como isso se processa no seu cotidiano.

O elemento aglutinador dessas pessoas foi à prática desportiva do basquetebol. Agora, cabe detectar até que ponto essa participação no grupo influenciou suas atitudes em relação aos limites impostos pela deficiência e como se processa essa vivência nos dias atuais.

Ao pensar em como essas pessoas em estudo, após o acidente traumático e, num primeiro momento, ficaram fora do processo social e à margem do que a sociedade realizava, propôs-se verificar se o esporte contribuiu ou não para melhorar suas oportunidades e autoestima. Hipoteticamente, acreditou-se que ocorreu um aumento real de autoconfiança, levando essas pessoas a romper barreiras e preconceitos. E, ainda se o esporte está sendo um meio de integrar/incluir essas pessoas no processo coletivo, além de considerá-lo um fator temático de reintegração social e que assim deve ser pensado pelas políticas públicas de saúde e bem-estar social (e como esse tipo de pesquisa pode contribuir com a área da Educação).

A partir deste entendimento entre o individual e o social, os pesquisadores elaboraram seus procedimentos de ação para contextualizar o grupo investigado. O grupo em questão compõe-se dentro de uma parcela da população Prudentina, que, em parte não tinha acesso aos bens produzidos culturalmente, inclusive os meios que propiciassem a elevar a autoestima, sua independência e autonomia. Por isso, recorreu-se ao auxílio das áreas sociais e psicológicas para entender como as ações biológicas, psicológicas e sociológicas se desenvolvem num processo de integração de pessoas na coletividade.

6 Procedimentos metodológicos

6.1 Caracterização dos sujeitos

O total de participantes pesquisados foram quatro, sendo dois diagnosticados como paraplégicos e outros dois com amputação num dos membros inferiores à altura do joelho.

Dessa maneira, para que fosse atingido os objetivos desta pesquisa, mesmo diante de um quadro reduzido, esses quatro sujeitos possibilitaram implementar a ideia inicial do estudo, que foi o de ouvir pessoas que ficaram deficientes por motivo comum, ou seja, em acidente automobilístico.

Os demais sujeitos, que atuaram nos projetos apresentados, se caracterizavam por diversas tipologias: paraplégicos, amputados, congênitos e o “les autres”. Participaram também os deficientes visuais em outras modalidades.

A idade dos sujeitos variou entre vinte a sessenta anos. O grupo é heterogêneo e cada um teve sua particularidade e necessidade caracterizada pela lesão adquirida em

acidente de trânsito, ou de, algumas doenças, como a esclerose múltipla, que afetaram parte do cérebro correspondente ao desenvolvimento da coordenação e de habilidade motora.

6.2 Entrevista Oral

História oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas e visões de mundo como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se então de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, movimentos, conjunturas, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 2010).

Diante disso, pretendeu-se verificar, através da coleta de depoimentos dos indivíduos, suas HV em quatro momentos distintos, onde cada participante pôde falar num clima de conversa descontraído com a equipe pesquisadora, a partir dos pontos elencados abaixo:

a) Como era sua vida, em relação à família, escola, trabalho, vida social e afetiva, cultural e política, antes de sofrer o acidente que o deixou deficiente? b) Como ficou sua vida em relação aos itens citados, após passar pelo processo de recuperação e reestruturação física? c) Como o esporte entrou na sua vida? Ou, porque se interessou pelo esporte? d) O esporte deu suporte a alguma mudanças em sua vida, como: melhora da autoestima, afetividade, comportamentos positivo, saudáveis e nas conquistas de alguma coisa, como estudo, emprego, relações afetivas, etc.

6.3 Procedimentos para a coleta de dados

Trata-se de investigação de natureza qualitativa, pois “representa uma postura frente ao outro, frente ao ser, para a compreensão do que se revela, na intenção de compreender e interpretar o fenômeno em questão como este se dá a ver” (SILVA, 1987, p. 25). Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, preocupou-se em identificar o significado que tais pessoas dão às coisas; destacaram-se os valores e a realidade de vida de cada um dos sujeitos onde os dados não carecem da intenção de se quantificar; ao contrário, pretendeu-se enfatizar a importância da compreensão das realidades humanas para se compreender a realidade e o contexto em que elas são vividas em seu processo e não final (BINS, 2007).

Um estudo que envolve a história oral como instrumento metodológico de pesquisa pressupõe a investigação exaustiva de estudos em fonte primárias e secundárias, com base firme que garanta a qualidade do conhecimento. Para isso, foi necessário estudar o material disponível em arquivos documentais de biblioteca, bem como, os de outras fontes disponíveis, necessários para comprovar os objetivos desta pesquisa (ALBERTI, 2010).

Na HV, ou nos depoimentos orais, segundo Corrêa e Guiraud (2009) devem ser considerados:

Recursos metodológicos de pesquisa que se ocupam em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade, recuperando experiências de vida obtidas através de conversas com pessoas por meio de entrevistas que, ao focalizarem lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta e dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória de um grupo social, de um sujeito na pesquisa, ponderando esses fatos pela sua importância em suas vidas (CORRÊA; GUIRAUD, 2001, p.680).

A partir dessas definições iniciais, os pesquisadores que adotam a história oral tem como meta selecionar o grupo de sujeitos que serão entrevistados e, em sequência, elaborar o roteiro de questões, que precisam ser bem pensado e redigido de acordo com a proposta de estudo do projeto. Os equipamentos utilizados para a realização das entrevistas foram: 1. Uma câmera digital Kodak modelo pixpro – Az 501, que serviu para gravar a voz e imagem dos entrevistados; 2. Um vídeo (o mesmo da câmera citado) para captar a imagem do entrevistado; 3. Dois aparelhos celulares de marcas LG e Samsung para garantir a gravação da voz e 4. Folhas de papel almaço para fazer anotações sobre alguns pontos levantados na entrevista e retomados pela equipe de entrevistadores durante o momento da realização das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas na biblioteca da FCT/UNESP de Presidente Prudente, numa das salas reservadas para estudantes da Universidade. Essas salas são equipadas com tomadas, mesas, cadeiras e acesso aos notebooks que possibilitam acomodar as pessoas que participaram do encontro com a equipe de entrevistadores para a coleta dos relatos orais. Essa pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) por entender que os participantes são integrantes de Projetos de Extensão Universitária onde a devida aprovação pelo CEP ocorreu, dentro dos mesmos parâmetros do presente trabalho. Além de tudo, todos eram adultos, livres e conscientes do que foi solicitado a eles, havendo assinado um termo de consentimento baseado na metodologia de HV.

7 Análise das entrevistas

Os participantes da entrevista foram quatro sujeitos do sexo masculino, adultos, nomes reais e cuja idade variou entre 33 a 64 anos, sendo que o sujeito A (João), em 64

anos e está no projeto do Basquete sobre rodas há 16 anos. Já os sujeitos B (Valmir) e C (Edilson), estão no projeto há 12 anos e B participa também do projeto do Atletismo para pessoa com deficiência física. O sujeito C também participou do atletismo por um determinado tempo. O sujeito D (Renato) é o único que, além de atleta nas modalidades do basquete sobre rodas e natação, é formado em Educação Física pela UNESP de Presidente Prudente (concluído em 2016) e demonstrou entusiasmo quando falou da sua formação acadêmica (está no projeto há 10 anos):

[...] uma satisfação enorme, enorme, enorme. Você não sabe o prazer que me dá, chegar ao corredor da faculdade e os professores olharem hoje para mim e falarem assim: formou-se, heim?, Poxa vida!!!. Porque é igual, eu disse prá professora do curso, eu falei: 'professora, procure saber, mas não tem outro cadeirante ainda, eu acho'. Por que ninguém comentou de ter outro cadeirante em, sabe... em canto nenhum. E eu conversei muito com o pessoal desse campo e dos outros campos.

Dos quatro participantes, a fala em relação à vida antes de sofrerem o acidente automobilístico, era 'normal', dentro duma certa organização quotidiana de trabalho, estudos, família, lazer... Assim como qualquer cidadão que tem sonhos e projetos para continuar a viver. O sujeito A destacou que jogava futebol de campo e de salão pela Associação da Empresa de Energia Elétrica onde trabalhava e que isso era sua ocupação na vida. Os demais participantes também relataram que o contacto com o esporte começou bem cedo para eles. O sujeito B praticava skate. O sujeito C praticava a capoeira e o sujeito D jogava futebol pelo sindicato dos bancários na posição de goleiro.

Percebeu-se que, ao descreverem suas vidas, os relatos se misturaram entre infância, juventude e vida adulta; isso porque a memória não consegue separar o passado do presente e remonta-se como um exercício de recuperação dos vários momentos vividos como, ao exemplo, do que disse o sujeito B quando relatou como erasua vida antes do acidente: considerou – “se uma criança comum, que gostava de brincar e correr, assim como qualquer outra criança; mas, num certo momento, fui vitimado por um veículo em alta velocidade que passou em cima de minha perna e deixou-me com sequelas até a cirurgia para correção da mesma”.

A partir da inserção deles no esporte, os quatros relataram significativas mudanças em suas vidas e, dentre elas, a possibilidade de conhecer o esporte paralímpico, as diversas competições esportivas, a conquista de novas amizades, o aprendizado e a proximidade com pessoas que vivem as mesmas condições que lhes impõem a deficiência; entre outros, o recomeço em um novo emprego, a melhora nas relações afetivas com familiares e amigos. Enfim, uma série de possibilidades foi demonstrada acerca da capacidade que o esporte tem em aproximar e unir pessoas e transformar suas vidas.

O sujeito C descreveu os pontos significativos para reconstruir sua vida, os mais importantes foram a família, o esporte e a religião. Na sua fala, ele mesmo expressou-se assim: “a gente (deficiente) tem vergonha de nós mesmos: acho que o preconceito

não vem das outras pessoas, é só saber como lidar”. Nesse momento da conversa, ele fala que não teve dificuldades em conseguir emprego por ser deficiente. Relata que, numa entrevista para trabalhar num supermercado, foi aceito e não teve dificuldades e nem sentiu discriminação por ter certa limitação física, pois usa uma bengala para se locomover, acarretando certa deambulação corporal.

O sujeito D também valorizou o esporte como condição importante para recomeçar e reaprender a viver, pois tinha muita expectativa quando vivia uma vida normal e, a partir do acidente que sofreu o que mais o motivou a viver foi realmente a prática desportiva. Ele relata que começou a nadar por recomendação médica e então começou a gostar e perceber que poderia ser útil novamente.

A natação, segundo a literatura esportiva, é um dos esportes completos para qualquer pessoa que queira praticá-la como meio de interação e de melhora nas condições de saúde e, portanto, de qualidade de vida. Para pessoas com deficiência, a possibilidades é quase a mesma, ou seja:

Da reabilitação, a prática da natação como competição é uma questão de tempo e escolha. A natação, como todo esporte, é um ótimo fator de reinserção social, o que ajuda muito na autoestima, no bem-estar, no controle corporal e na autonomia de todos os praticantes. Para as pessoas com deficiência, os benefícios são muito evidenciados no aumento da longevidade, que está diretamente ligada à melhoria orgânica (ABRANCES Apud MELLO; WINCKLER, 2012, p. 176)

Outro ponto significativo, constatado na análise das entrevistas e que não estava programado na organização das questões por parte da equipe, foi o aspecto da formação dos estudantes para trabalhar na área do esporte adaptado, pois os quatro sujeitos numa forma ou de outra acabaram opinando sobre esse ponto e se posicionando em algum momento. O sujeito C, assim afirmou “*os profissionais dessa área precisam ter diálogo com os deficientes, conversar com eles para saber suas limitações, se dedicar e, algo muito importante, gostarem do que fazem*”. Além disso, segundo ele, dos estudantes que passaram pelos projetos de extensão, uns se dedicaram totalmente e outros não. Isto, segundo ele e os demais, é para que o estudante de Educação Física possa estar sempre aberto e interessado em conhecer e saber das necessidades da pessoa deficiente, por que cada pessoa tem sua individualidade e tal diferença precisa ser conhecida e respeitada, sobretudo, devem-se considerar suas dificuldades e capacidades motoras e física relacionada ao esporte.

8 Considerações finais

Compreendeu-se que, o objetivo desta pesquisa foi em primeiro lugar, relatar, pela ótica dos sujeitos entrevistados, a implantação de um projeto desportivo que favorecesse o interesse e a possibilidade de pessoas com deficiências e favorecesse a que participassem de modalidades desportivas; em segundo saber como essa participação

transforma vidas, antes numa situação “excluída” para uma situação de “incluídos”. Por isso, os relatos com base na memória dos sujeitos foram importantes para o entendimento dos autores deste estudo e pesquisa.

Depoimentos e entrevistas, como fontes históricas, contam hoje com razoável produção na literatura e abrangente discussão sobre sua validade no campo científico. Ciavatta (2007), de posse dos estudos de Ferreira e Amado (1996), consideraram-se alguns aspectos dessa pesquisa realizada com sujeitos deficientes que representaram o universo das práticas quotidianas de sujeitos sociais:

Na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultados do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudos; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas em uma rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa e a buscar caminhos alternativos de interpretação (CIAVATTA, p.32).

E, ainda, segundo o próprio autor,

A pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vistas individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas – por que tradicionalmente relacionadas apenas a indivíduos - como a subjetividade, as emoções ou o quotidiano [...] (CIAVATTA, p.32).

De certa forma, pôde-se extrair dos quatro sujeitos pesquisados que a inserção no esporte praticamente transformou suas vidas já que, para os quatro, o esporte sempre esteve presente em seu quotidiano, não apenas como um *hobby* aos finais de semana, como acontece com a maioria dos brasileiros, quando se trata de uma atividade esportiva. No caso desses sujeitos que ficaram deficientes, os relatos e as afirmações são pertinentes à situação de vida que passaram a ter após adquirirem a lesão medular ou sofrer amputação de partes de membros inferiores.

A literatura em Educação Física tem afirmado historicamente que a participação em atividades físicas regulares ou numa modalidade desportiva coletiva, tem contribuído significativamente para melhorar a autoestima, a confiança, a amizade entre os atletas, a independência, a cooperação e, como já o afirmamos, uma qualidade de vida superior, recuperação da saúde e o bem estar físico e mental.

Para as pessoas com deficiências, o esporte também não foge à regra, e permite a eles grandes possibilidades que podem promover a inserção dos mesmos à sociedade onde se afirmou nas falas dum entrevistado: “*o esporte modificou a minha vida. Hoje sou outra pessoa*”.

Numa reportagem da Revista “Isto É”, em agosto de 2015, na matéria intitulada “Exemplos que valem ouro”, Brancatti (2015, p.51) evidencia, a partir das entrevistas, que: “[...] *essas pessoas assumem o esporte com mais vontade, determinação e garra. Para muitos é a oportunidade de inserção na vida social*”. Os atletas com deficiência são muito dedicados porque vêem o esporte como oportunidade de vencer na vida e, por isso,

participar dessas modalidades que são trabalhadas atualmente na UNESP de Presidente Prudente, significa contribuir para superar limites e reafirmar valores. Por isso, eles têm tanta vontade de ganhar e continuar impulsionando o crescimento paradesportivo no Brasil (BRANCATTI, 2011).

Nesse sentido, pôde-se concluir que, nesta pesquisa, onde se fez um recorte ouvindo quatro sujeitos deficientes físicos, os relatos apresentados evidenciaram a importância desses projetos para a Cidade de Presidente Prudente, pois permitiram que pessoas com deficiência pudessem participar de diversas modalidades desportivas a partir disso, conquistaram novas inserções sociais e novas motivações para continuarem lutando pelas causas da deficiência, tanto nesta Cidade ou em nível de Brasil.

Espera-se que esta pesquisa contribua com o processo de formação discente e docente da UNESP e, também possa, de certa forma, ter continuidade em Projetos de Extensão e de Iniciação Científica futuros, para se alcançar números mais significativos de pessoas e que seja de relevância e de grande impacto social.

Referências

- ADAMS, C.R. et al. *Jogos, esportes e exercícios para o deficiente físico*. São Paulo: Editora Manole, 1985.
- ALBERTI, V. *Manual da história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ARAÚJO, F.P. *Desporto adaptado no Brasil*. São Paulo: Phorte Editora, 2011.
- BINS, K.L.G. *Aspectos psicológico-culturais envolvidos na alfabetização de jovens e adultos deficientes mentais*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio do Sul, Porto Alegre, 2007.
- BRANCATTI, P.R. O esporte adaptado na UNESP/Presidente Prudente: da iniciação às conquistas sociais. *Revista Adapta*, Presidente Prudente, 2014. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/adapta/article/viewFile/3134/2644>>. Acesso em: 24 ago. 2017.
- CIAVATTA, M. (Coord.). *Memória e temporalidades do trabalho e da educação*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2007.
- CORRÊA, R.L.T; GUIRAUD, L. Possibilidades e limites de histórias de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v.9, n.28, p.671-686, 2009.
- FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASQUETE SOBRE CADEIRA DE RODAS. 2016. Disponível em: <WWW.fpbs.com.br>.
- FERREIRA, M.M; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- GLAT, R.O. Método de história de vida na pesquisa em educação especial. *Revista Brasileira Educação Especial*, Marília, v.10, n.2, p.235-250, 2004.
- MELLO, M.T de; WINCKLER, C. *Esporte paralímpico*. São Paulo: Atheneu, 2012
- QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais, do indizível ao dizível. *Revista Ciência e Cultura*, São Paulo, 1987.

REVISTA ISTO É. *Por que os para-atletas ganham mais medalhas*. v.35, n.2074, p.69, jul. 2011

REVISTA ISTO É. *Exemplos que valem ouro*. v.38, n.2385, p.51, ago. 2015

SILVA, R.F. et al. *Educação física adaptada no Brasil – da história à inclusão educacional*. São Paulo: Phorte editora, 2008.

SINSON, O.R. de M.V (Org.). *Experimentos com história de vida (Itália Brasil)*. São Paulo: Vértice Editora Revista dos Tribunais, v.5, 1988.

Notas sobre os autores

Paulo Roberto Brancatti

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Tecnológicas. /UNESP, Campus de Presidente Prudente, SP. paulobrancatti@uol.com.br

Camila Casemiro Rosa

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Tecnológicas. /UNESP, Campus de Presidente Prudente, SP. c.casemiro_rs@hotmail.com

Beatriz Parola Veiga Duarte

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Tecnológicas. /UNESP, Campus de Presidente Prudente, SP. beatrizveigaparola93@gmail.com

Raul Antônio Fragoso Neto

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Tecnológicas. /UNESP, Campus de Presidente Prudente, SP. fragosoneto@hotmail.com

Recebido em: 11/12/2017

Reformulado em: 11/02/2018

Aprovado em: 11/02/2018

